

# Regional

IMIGRANTES AMERICANOS

# Fugitivos de guerra em Linhares

**Por um ano, a cidade foi habitada por 316 americanos derrotados na guerra que deu fim à escravidão nos Estados Unidos**

Wilton Junior  
LINHARES

Um fato histórico pouco conhecido, sobre imigrantes que vieram para o Espírito Santo no século XIX, virá à tona. Um livro, que será lançado pelo Arquivo Público Estadual, revela que fugitivos da Guerra Civil Americana viveram em Linhares, no Norte do Estado, por um ano.

Relatos em um diário da imigrante norte-americana Julia Louisa Hentz Keyes, que é de Montgomery, Estado do Alabama, nos Estados Unidos, revelam que entre junho de 1867 e maio de 1868, 316 americanos derrotados na Guerra da Secessão, que marcou a abolição da escravatura no país, se refugiaram às margens da Lagoa Juparanã.

A autora dos manuscritos é filha da novelista Caroline Lee Hentz, uma das principais romancistas dos Estados Unidos antes da Guerra Civil no país.

Um dos livros de Caroline Hentz, o "The Planter's Northern Bride" ("A Noiva do Norte do Agricultor", em tradução livre), apre-

sentava uma defesa do sul escravista, e é considerada uma contraposição ao livro abolicionista de Harriet Beecher Stowe, "A Cabana do Pai Tomás".

Chamado de "Nossa Vida no Brasil – Imigração Norte Americana no Espírito Santo/1867-1868", o livro de Julia Louisa foi produzido e será lançado no mês que vem sob responsabilidade do Arquivo Público Estadual. Cópias serão enviadas às bibliotecas municipais.

Segundo Cilmar Franceschetto, diretor técnico do Arquivo, relatos obtidos pelos pesquisadores mostram que os imigrantes vieram para o Estado trazidos pelo coronel Charles Grandison Gunter, um escravocrata americano que teve de fugir de seu país após perder a guerra. Gunter se instalou na região da então Vila de Nossa Senhora da Conceição de Linhares.

O tradutor do livro e pesquisador Célio Silva conta que Gunter era um rico fazendeiro produtor de algodão e ex-membro do legislativo estadual do Alabama e tinha interesse na manutenção da escravidão nos EUA.

Após o fim da guerra, ele fugiu com outros que não aceitavam a abolição dos escravos pelo então presidente Abraham Lincoln.

Ainda segundo o pesquisador, os Keyes tinham relações com a família Gunter e, em 1867, foram convidados a se refugiarem no Estado. Naquela época, Gunter recebeu, do governo, terras às margens do Rio Doce e da Lagoa Juparanã.



**TERRAS** às margens da Lagoa Juparanã, onde americanos se instalaram

## SAIBA MAIS

## Família visitada por Dom Pedro II

> O MANUSCRITO de 1874, "Nossa vida no Brasil", relata as impressões de Julia Keyes e de alguns de seus filhos, sobre o período em que esteve-

ram no Brasil após a Guerra Civil dos Estados Unidos, entre 1861 e 1865.

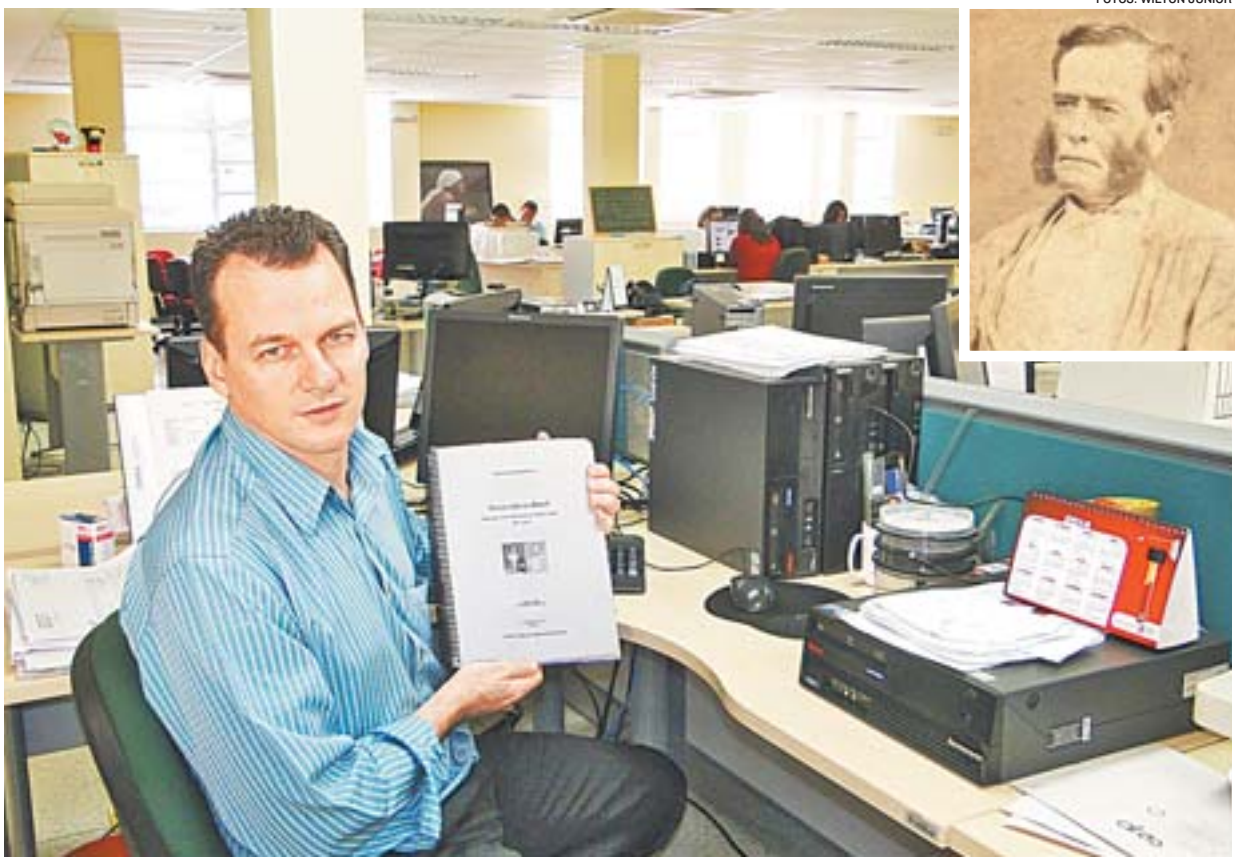
> OS KEYES refugiaram-se em Linhares, no Estado, onde ficaram de junho de 1867 a maio de 1868. Na cidade, eles foram visitados por moradores curiosos da região.

> APÓS deixar Linhares, a família Keyes ocupou uma pequena ilha que adquiriu na baía da Guanabara, antiga propriedade do general confederado Alexander Travis Hawthorne, chamada Dixie.

> NO RIO, em 1867, chegaram a ser visitados pelo Imperador Dom Pedro II. Em 1870, voltaram para os Estados Unidos



**MAPA** de terreno doado a Gunter



**CILMAR** Franceschetto mostra livro que conta a história de americanos trazidos pelo coronel Gunter (destaque)

## Detalhes de vida no Estado

O diário de Julia Louisa Keyes, que virou livro, não informa somente a presença dos americanos em Linhares. O manuscrito também revela, em detalhes, as dificuldades pelas quais passou a família americana na cidade capixaba.

A adaptação a uma vida em meio à mata selvagem, às margens da lagoa Juparanã, sem o conforto que tinham no país norte-americano, foi a parte mais difícil.

Segundo o pesquisador Célio Silva, Julia escreveu em seu diário que sentia angústia de morar em uma casa improvisada, que antes servia de galinheiro.

"Ela narra enormes goteiras no teto e o incômodo dos insetos. Sentiam-se em privação e, ao mesmo tempo, maravilhavam-se com a capacidade dos brasileiros de viverem sem qualquer conforto em suas casas", disse Célio.

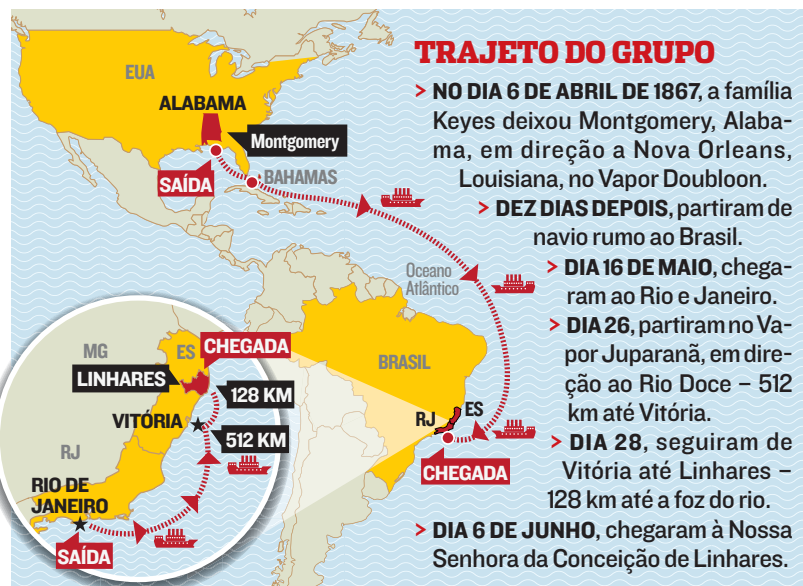
A autora cita, ainda, a beleza da floresta e diz que os Keyes caçavam macacos para comerem durante a permanência na Lagoa Juparanã, além de outros bichos, como patos selvagens e papagaios.

Célio disse que não há fontes e referências específicas sobre a localização exata dos imigrantes americanos às margens da lagoa, em Linhares.



**FAMÍLIA** Keyes viveu em Linhares

## Como eles vieram Viagem durou 60 dias



## Grupo de americanos fundou cidade em São Paulo

Os sulistas americanos que chegaram ao Brasil a convite de Charles Gunter, em 1867, ficaram por pouco tempo às margens da Lagoa Juparanã. Eles se dispersaram pelo País e, um grupo ocupou um território em São Paulo, fundando a cidade Americana, em São Paulo.

Outras famílias foram para a região onde atualmente é o município de Santa Leopoldina. Outros seguiram rumo ao Rio de Janeiro, como ocorreu com a família Keyes.

De acordo com o pesquisador, Célio Silva, em maio de 1868 a família Keyes deixou a Lagoa Juparanã logo após George Keyes adoecer, um dos filhos de Julia e o marido, John Keyes.

"Partiram rumo ao Rio de Janeiro, onde permaneceriam até retornar aos Estados Unidos, em 1870. Entre as famílias que deixaram o local naquele período estavam os McIntyre, Miller, Adnet, Brow, Dadet, Spencer, entre outros, conforme relatos no manuscrito. Apenas algumas famílias e homens solteiros permaneceram em Linhares", destacou o pesquisador.

“Entre as famílias que deixaram o local naquele período estavam os McIntyre, Miller, Adnet, Brow, Dadet, Spencer, entre outros”

Célio Silva, pesquisador